



A REPRESENTAÇÃO DA MULHER PROSTITUTA EM *LUCÍOLA* DE JOSÉ DE ALENCAR

Fernanda Karyne de Oliveira¹; Bruno Santos Melo²; Jailma da Costa Ferreira³

Universidade Estadual da Paraíba¹
fernandakoliveira@gmail.com
Universidade Estadual da Paraíba²
bsantosmelo@hotmail.com
Universidade Estadual da Paraíba³
Jailma.jdf@gmail.com

RESUMO: Este artigo decorre das leituras e discussões realizadas na disciplina de Literatura Brasileira da Modernidade I do curso de letras-português da Universidade Estadual da Paraíba, em que houve a oportunidade de se conhecer o veio indianista do escritor José de Alencar, suscitando assim a curiosidade de ler também sobre sua vertente urbana. Tal identificação proporcionou a escrita desta comunicação. Desta forma, tem-se o objetivo de analisar a condição da mulher enquanto prostituta no século XIX a partir da representação da personagem Lúcia em *Lucíola* de José de Alencar. Para tanto, o corpus desta pesquisa será o romance mencionado, de forma que se possa explicar e compreender os sentidos propostos, percebendo o lugar desta mulher cortesã nesta sociedade de características burguesa e patriarcalista. As contribuições teóricas que embasaram esta análise foram Del Priore (2006, 2015), D’Incao (2015), Duarte (2012) entre outros. A mulher do século XIX era a mulher considerada a rainha do lar, responsável pela casa, pelo marido e pelos filhos, e mulheres que fugissem a essas regras eram discriminadas e vistas com outros olhos pela sociedade. Lúcia, personagem principal do romance alencariano se mostra subserviente a Paulo em sua relação amorosa, embora ele possa ser considerado seu elemento emancipatório da condição vivida.

Palavras-Chave: José de Alencar. *Lucíola*. Prostituta.

INTRODUÇÃO

A prostituição extingue o amor nos corações
(KOLONTAI, 2011, p. 31).

O trabalho se propõe observar a representação da mulher prostituta no romance urbano do século XIX, *Lucíola* de José de Alencar, o maior autor da prosa romântica no Brasil e considerado por muitos o pai dos Romances Urbanos.

O interesse pelo tema surgiu nas leituras e discussões realizadas na disciplina de Literatura Brasileira da Modernidade I. Na

oportunidade, teve-se contato com o veio indianista da obra do escritor, o que despertou a curiosidade para conhecer outras obras, principalmente os romances urbanos.

O autor escreveu aquilo que entendeu como uma espécie de projeto cultural em que o foco principal seria o Brasil. Por isso quando suas obras são lidas, “várias faces” do escritor são deixadas a mostra. Alencar escreveu desde obras indianistas até obras históricas, enfatizando as minúcias das terras brasileiras, no entanto, sem desprender-se do



modelo clássico que vigorava na Europa da época.

Na literatura romântica brasileira, os autores elegeram como tema principal dos seus romances a temática amorosa, este sempre sublimado, idealizado, capaz de renúncias, de sacrifícios, de heroísmos e até de crimes, mas redimindo-se pela própria força arrebatadora de sua intensidade e de sua paixão, ressaltando atentamente a sociedade da época e os conflitos decorrentes do sentimento.

O romantismo brasileiro, em sua primeira fase, é considerado um período idealizatório, em que há a idealização da figura feminina como o ser irreparável estética e interiormente, inalcançável, semelhante àquelas narradas nas cantigas trovadorescas do século XVI.

Ao escolher o romance *Lucíola* busca-se evidenciar o lugar desta mulher que fugia aos padrões sociais da época, mulher esta considerada a margem de uma sociedade dominada pelos dizeres do patriarcado. Para fundamentar esta análise recorreram-se as contribuições teóricas de, Del Priore (2011), D'Incao (2010), Duarte (2012) entre outros que subsidiarão as reflexões propostas.

METODOLOGIA

A perspectiva metodológica que norteia este trabalho está fundamentada na

teoria literária, tendo em vista o texto literário como meio de estudo para compreender o(s) caminho(s) de superação traçado pela mulher do século XIX, para tanto este artigo volta sua atenção para os estudos acerca da representação do feminino na Literatura.

A pesquisa realizada caracteriza-se como qualitativa e bibliográfica, tendo como *corpus* de análise o romance *Lucíola*, de José de Alencar.

Contudo, é importante considerar que a leitura do texto literário não converge para uma interpretação unívoca, já que ela nos permite várias interpretações, garantido pela linguagem plurissignificativa da obra literária.

Desta maneira, através do romance a ser analisado, buscar-se-á perceber os múltiplos desafios encontrados pela mulher para sobreviver numa sociedade essencialmente patriarcalista, mulher esta que não se encaixa nos padrões pré-estabelecidos pela época.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

1. “Bela, recatada e do lar”: O feminino na sociedade burguesa do século XIX

A mulher precisou sofrer e lutar para poder conquistar espaço na sociedade moderna, haja vista ainda hoje sua luta por melhores espaços. Fez-se necessário a essa mulher enfrentar obstáculos, quebrar



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

barreiras, romper com os preconceitos imperantes na sociedade patriarcalista, enfrentando a própria família e a sociedade. De acordo com estudiosos como Duarte (2008), a mulher tem conquistado espaço na sociedade de forma vagarosa. Muitos são os nomes envolvidos em grandes batalhas, muitas, quedas e vagarosas conquistas. A aquisição de espaço iniciou-se dentro de casa com a alfabetização das senhoras, que passam a ler, além de leituras sacras, também romances.

Com o início da modernidade nasce a mulher leitora, em grande parte, mulheres burguesas. A partir de então, os romances passam por significativas mudanças, visto que o perfil do público leitor também havia mudado. A mulher começa a tomar parte nas tarefas de casa, na educação dos filhos. As mulheres eram educadas para se tornar a rainha do lar, boa esposa e mãe, aprendiam a ler e a escrever, e isso já era o bastante:

[...] o universo da mulher brasileira é dos mais restritos, no que, aliás, se afina bastante à sociedade em que vive. Iletuada na maioria dos casos, a mulher brasileira faz parte de um mundo para o qual o livro, a leitura e a alta cultura não parecem ter maior significado (LAJOLO; ZILBERMAN, 1998, p. 245-246).

Como afirmam Lajolo e Zilberman (1998), a maior parte das mulheres brasileiras era iletrada, a educação delas, portanto, foi

primordial para seu desempenho como leitoras, embora não pudesse deixar também de prepará-las para as tarefas de esposa e mãe.

A leitura feminina era regulada e rigorosamente fiscalizada pelo esposo. Com o crescimento das cidades e a estabilização da burguesia, a educação da classe feminina foi solidificada, a mulher leitora tornou-se mais perspicaz e ousada:

A multiplicação de saraus e o aumento do número de pianos nas residências foram decisivos, também, para libertação da mulher, que começa a se torna rueira. Recatadamente amiga da rua, sempre com o indispensável anjo da guarda de sua reputação: marido, filho pequeno, mucama. Sozinha, não. Em meados da década de 1850, as senhoras mais ousadas – moças solteiras, nunca – já dispensavam companhia para fazer visitas e compras (MACHADO, 2010, p.313).

A mulher "rueira" se torna mais popular, aos poucos toma espaço nas ruas, nas casas de chás. Não demorou muito para a mulher começar a criar suas próprias histórias e escrevê-las e, também, a reivindicar e lutar por seus direitos de igualdade em relação ao sexo oposto, as ideias da mulher europeia do século XVIII passam a influenciar as mulheres brasileiras.

Entre os muitos nomes que se destacaram no século XIX, estão Nísia Floresta Brasileira Augusto (pseudônimo adotado por Dionísia de Faria Rocha); Narcisa Amália de Campos e Júlia Lopes de Almeida, grandes revolucionárias que lutaram pelo direito da educação das mulheres, pela igualdade entre



os sexos. No entanto, as mulheres não esqueciam de que também tinham o papel essencial de ser esposa e mãe.

A partir desse mesmo século, as mulheres começaram a publicar seus primeiros textos, usavam pseudônimos para disfarçar a sua identidade, o uso desses “falsos-nomes” eram imprescindíveis para que seus textos fossem aceitos pelo público. Posteriormente, o pseudônimo funcionaria como referência, assinalando assim o surgimento da escritora.

As mulheres que até então escreviam em seus diários, em cadernos de receitas, “cadernos- goiabada”, como denomina Lygia Fagundes Telles, passam a publicar esses textos em jornais e revistas, posteriormente publicam seus livros. E as histórias que antes eram segredinhos de diário vão se transformando em romances e em literatura.

Nessa nova fase da mulher moderna, mesmo sabendo que a leitura e a escrita foram pontos fundamentais para a conquista de espaço além do lar, não se pode deixar de salientar que isso ainda não significou que a mulher estaria livre de preconceitos e que deixaria de existir a ideologia pela qual se acreditava que “O nome da mulher, tanto quanto sua pessoa, devia se manter dentro de casa” (Machado, 2010, p. 312). Portanto, conquistar espaço fora do ambiente doméstico não foi tarefa fácil para a mulher, mantida sob a custódia masculina (Perrot, 2013).

2. Dos meretrícios às calçadas: A prostituição no período oitocentista

No século XIX a sociedade brasileira sofreu uma série de transformações como a consolidação do capitalismo, o desdobramento de uma vida urbana que oferecia mais alternativas de convivência social, a ascensão da burguesia, responsável por organizar a vivência familiar e doméstica, bem como a atividades femininas e por que não dizer, a sensibilidade e a forma de pensar o amor (D’INCAO, 2010).

Del Priore (2011, p.62) descreve o cenário da sociedade brasileira no período do oitocentos dizendo que

até o período em que se deu a independência, vivia-se na América Portuguesa num cenário com algumas características invariáveis: a família patriarcal era o padrão dominante entre as elites agrárias, enquanto, nas camadas populares rurais e urbanas, os concubinatos, uniões informais e não legalizadas e os filhos ilegítimos eram a marca registrada

Nesta sociedade em que os dizeres do patriarcado imperavam, a mulher em sua função de esposa era vista pela sociedade como o sinônimo de honestidade, expressa pelo recato e pelo caráter intemerato, sendo responsável pelo exercício de suas funções no lar e pela perpetuação da prole. Sobre o estereótipo da mulher casada daquele período, diz a autora:



Além disso, mulher casada passava a vestir-se de preto, não se perfumava mais não mais amarrava seus cabelos com laços e fitas, nem comprava vestidos novos. (Op cit. 2011 p.65)

Neste contexto, os homens não se sentiam atraídos por suas mulheres, relacionando-se com elas apenas para que possam constituir famílias, haja vista que na maioria das vezes os casamentos eram arranjados, devido a interesses econômicos e políticos, e muitas vezes as esposas não eram dotadas de beleza exterior, o que nessa lógica favorecia o adultério masculino. Sobre isto, Del Priore continua nos falando ao dizer que é

nesse quadro onde se misturavam casamentos por interesse e concubinatos, a prostituição tornou-se necessária. O adultério masculino era nessa lógica, necessário para o bom funcionamento do sistema. (DEL PRIORE, 2011 p.84)

E ainda complementa dizendo que:

No céu do século XIX brilhou uma estrela: a do adultério. A história de amantes prolonga, sem dúvida, um movimento que existia há séculos. A diferença é que a simples relação de dominação como a que houve entre senhor e escravas durante o período colonial deu lugar a uma relação venal, que o cinismo do século tingiu com as cores da respeitabilidade. (DEL PRIORE, 2011 P.57)

Desde o período colonial senhores se deitavam com suas escravas e também com negras forras com intuito de satisfazerem seus desejos mais insanos. No século XIX a visita a prostíbulos e a prática do adultério se tornou ainda mais naturalizada e aceita pela sociedade. Uma espécie de paliativo proposto pela conjuntura.

Os homens frequentavam os meretrícios procurando o exagero e a espalhafatosidade que não encontravam em suas mulheres, estas engessadas em um modelo de comportamento imposto por uma sociedade eminentemente patriarcal, que não admitia excessos, mesmo estes fazendo parte de sua composição.

Sobre as meretrizes, eram consideradas belas apenas as sinhás de salão. Com as moças pobres, apenas havia satisfação sexual e diversão, enfatizando ainda mais o preconceito e o descaramento dos jovens da época, constituindo assim um cenário discrepante.

As prostitutas eram classificadas como aristocráticas, de sobrado e de escória (DEL PRIORE, 2006), ainda havendo segundo outras classificações uma subdivisão maior: as cocotes e as polacas. As prostitutas aristocráticas eram instaladas pelos homens que as bancavam em casas elegantes, já as outras pertenciam às classes mais populares. Sobre a subdivisão mencionada, as cocotes representavam o luxo e as polacas, a miséria. A respeito da subdivisão tem-se que:

As segundas, ao contrário, representavam a miséria. “Ser francesa” significava não necessariamente ter nascido na França, mas freqüentar espaços e clientes ricos. Ser polaca significava ser produto de exportação do tráfico internacional do sexo que abastecia os prostíbulos das capitais importantes e... pobre ou lançam sua



rede de olhares pela longa fila das lojas, da rua do Ouvidor. (DEL PRIORE, 2006 p. 206)

As mulheres estrangeiras, notadamente as francesas, representavam certa libertinagem, fossem elas desfrutáveis ou não. Na mentalidade da época, as chamadas “madames” faziam parte dos tais “maus hábitos” importados pelos trópicos, sendo também as responsáveis por iniciar os jovens burgueses na vida sexual, já que segundo alguns, elas conheciam os prazeres e os caminhos do amor como nem uma das outras.

Era no Bordel que se iniciavam essas relações fugazes. O bordel era o teatro onde se encenavam o simulacro do eterno, o desejo o espetáculo de uma transgressão protegida e controlada (DEL PRIORE, 2006p. 85). Para autora:

A representação era típica de um período em que se laje a vida conjugal e se promove o bordel; em que se persegue a nudez das “senhoras” e se olha pelo buraco das fechaduras as mulheres “bonitas”. (Op cit, 2006 p.84)

Frequentar estes ambientes era sinônimo de poder e modernidade (DEL PRIORE, 2011). Ainda segundo as concepções da autora, é graças ao prostíbulo que começa a surgir à remota noção de prazer sexual.

Desta forma, nas capitais que a burguesia eclode e começa a tomar forma, preguiça, luxo e prazer irão se opor aos

valores familiares de trabalho, poupança e felicidade. (DEL PRIORE, 2011).

3. Da zona à redenção: A representação da figura feminina prostituída em “Lucíola” de José de Alencar

José de Alencar traz à luz do seu texto uma mulher que é vitimada pela sociedade, não somente por se constituir como um ser feminino, mas primordialmente pela condição social que ocupa: ser prostituta. Estar fora do lar é uma afronta à sociedade burguesa da época. Ao trazer para o centro da cena a prostituta, uma das figuras mais discriminadas pela sociedade, Alencar refaz o rosto de uma mulher marcada pelo desprezo.

O Romance foi escrito em 1862. A temática escandalizou a sociedade da época, haja vista que mostrou a sociedade do século XIX, mais especificamente a elite carioca oitocentista, da forma que a literatura preferia ignorar, pois naquele período convinha falar de pureza, recato, e todo o ideário burguês, que continha princípios e valores sociais bem definidos.

Paulo, provinciano, recém-chegado a corte do Rio de Janeiro, narra seu romance com Lúcia, a cortesã mais cobiçada do Rio de Janeiro naquele período, assumindo assim a função de um narrador personagem. Conta sua história de amor por meio de cartas



endereçadas a senhora G.M, que após reunia-las e organiza-las, publicou o livro.

Paulo conhece Lúcia assim que chega ao Rio de Janeiro, Sá, seu amigo, o apresenta para a cortesã:

“Quem é esta senhora? Perguntei a Sá. A resposta foi um sorriso inexprimível, mistura de sarcasmo, de bonomia e de fatuidade, que desperta nos elegantes da corte a ignorância de um amigo, profano na difícil ciência das banalidades sociais.

— Não é uma senhora, Paulo! É uma mulher bonita. Queres conhecê-la?...

Compreendi e corei de minha simplicidade provinciana que confundira a máscara hipócrita do vício com o modesto recato da inocência. Só então notei que aquela moça estava só e, e que a ausência de um pai, de um marido ou de um irmão, deviam-me ter feito suspeitar a verdade.” (ALENCAR, 2001, P.15)

O diálogo mostrado deixa clara a imagem da prostituta naquele século: não é uma mulher digna de ser chamada pelo tratamento de senhora, e por isto é desclassificada social e moralmente. Ao dizer que é uma “mulher bonita”, Sá insinua que são com “tipos” como aquela que eles podem realizar seus desejos insaciáveis.

Lúcia, ou melhor, Maria da Glória, assumiu o nome de sua amiga falecida e foi ser prostituta para salvar sua família que foi acometida com a febre amarela. Desta forma, poderíamos dizer que a situação de pobreza favoreceu a invasão do meretrício ao seu tecido familiar (FIGUEIREDO, 2010).

Referindo-se a classe das mulheres operárias, Kolontai (2011, p. 18-19) parece apresentar também a realidade de vida na qual estão inseridas muitas prostitutas:

Caminham ao acaso, dominadas pela tristeza, amaldiçoando seus passos e acariciando em seu interior o sonho de um lar, onde possam desfrutar de tranquilas e modestas alegrias. Ah, se fosse possível abandonar o caminho, voltar atrás. Mas, isto é irrealizável, pois os grupos de companheiras são cada vez mais densos, e a corrente as empurra cada vez para mais longe do passado.

Lúcia se sentia indigna de viver um amor que lhe oportunizasse a sensação de completude, justamente pela condição vivida. Foi por isso que muitas vezes renegou seu próprio desejo na busca de sua redenção. Viu em Paulo uma espécie de elemento emancipatório de sua condição vivida, seria pelo seu amor que ela se “redimiria” daquela vida.

Inicialmente vê-se uma personagem feminina transgressora, não só pela sua condição que já justificava tal transgressão, mas por ser inicialmente a única possuidora da verdade com relação a sua história, e isto a fez ser a senhora da situação. Ao compartilhar a verdade com relação a sua história de vida com Paulo, ela passa a condição de submissa em relação a ele. Para Kolontai, (2011 p. 23) “a mulher transforma-se gradativamente. E de objeto da tragédia



masculina converte-se em sujeito de sua própria tragédia”.

Em busca dessa redenção para viver um amor pleno, Lúcia se resigna, justamente no momento do nascimento da concretização do amor puro que ela tanto procurou, falece. O final nos deixa implícito de forma velada o preconceito da época: um corpo que foi notadamente marcado pela impureza não poderia ser agraciado com a benção considerada divina, que seria um filho. Hipotetiza-se então que para a sociedade burguesa e patriarcalista, conceitos como felicidade e prostituição não poderiam caminhar juntos.

CONCLUSÃO

Em um século considerado hipócrita (DEL PRIORE, 2011) em que vigoraram ideários burgueses como lealdade, coragem e honra, prevaleceram também modelos engessados de comportamento, principalmente para o público feminino, sentenciadas aos cômodos da casa e aos bancos da igreja, sempre oprimidas, obrigadas a viver dentro dos moldes dessa sociedade de valores e princípios irretocáveis.

É nesse contexto que Alencar nos apresenta *Lucíola*, visto pela elite fluminense de início com certa repulsa, haja vista o tema do livro.

No Romance, o autor faz críticas (des)veladas à sociedade burguesa, apresentando-nos também a representação da mulher enquanto prostituta. A prostituta aristocrática do escrito busca sua redenção na tentativa de viver um amor puro, pois para ela a prostituição “rouba o que é mais valioso nos seres humanos, a capacidade de sentir apaixonadamente o amor, essa paixão que enriquece a personalidade pela entrega dos sentimentos vividos”. (KOLONTAI, 2011, p. 31), e para isso se torna submissa ao seu amado, na tentativa de agarrar o que seria para ela a “tábua de salvação” para sair da situação vivida.

A representação da sociedade da época através do romance permite que vejamos como as prostitutas eram vistas naquele período, tanto pelos homens como pelo resto da sociedade. Alencar propõe quase que uma representação fotográfica do período do oitocentos, no que diz respeito a representação desta mulher dos salões.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, José de. **Lucíola**. São Paulo: Ática, 2001.

DEL PRIORE, Mary. **História do Amor no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2006.

DEL PRIORE, Mary. **Histórias íntimas: sexo e erotismo na história do Brasil**. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2011.



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

D'INCAO, Maria Ângela. **Mulher e Família Burguesa.** In: DEL PRIORE, Mary. História das Mulheres no Brasil. São Paulo: Editora contexto, 2010.

DUARTE, Constância Lima. Os anos de 1930 e a literatura de autoria feminina. In: WERKEMA, Andrea Sirihalet al **Literatura Brasileira 1930, Belo Horizonte: UFMG, 2012.**

FIGUEIREDO, Luciano. **Mulheres de Minas Gerais.** In: DEL PRIORE, Mary. História das Mulheres no Brasil. São Paulo: Editora contexto, 2010.

KOLONTAI, Alexandra. **A nova mulher e a moral sexual.** 2ª ed. São Paulo: Expressão popular, 2011.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **A formação da leitura no Brasil.** São Paulo: Ática, 1998.

MACHADO, Ubiratan. **A vida literária no Brasil durante o Romantismo.** Rio de Janeiro: Tinta Negra Bazar Editorial, 2010.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres.** Tradução Ângela M. S. Corrêa, São Paulo: Contexto, 2013.

